



JORGE FERREIRA, PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE:

“Os novos governantes da América Latina representam a retomada de um projeto de poder nacional-estatista.”

Os ícones do novo nacionalismo



FERNANDO GOMES, BANCO DE DADOS, 23/01/2003

Hugo Chávez, aqui durante passagem pelo Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, é o modelo mais acabado do atual governante nacionalista das Américas

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Até pouco tempo, o presidente venezuelano Hugo Chávez, com seu projeto nacionalista e seu governo voltado à estatização da economia, era, apesar de seu pendor folclórico, algo como uma avis-rara na América Latina.

Agora, as últimas medidas de Evo Morales no governo da Bolívia e a chegada de Ollanta Humala ao segundo turno da eleição presidencial no Peru – ambos afilhados políticos declarados de Chávez – suscitam a questão: estamos vendo o renascimento do populismo?

A resposta não é unânime. Para muitos estudiosos, embora tenha sido usada para definir uma ampla gama de coisas diferentes, a palavra populismo não se encaixa no atual quadro do continente.

– Não gosto do termo “populismo”, que acaba sempre sendo aplicado pela oposição ao seu adversário político. O PT acusou Fernando Henrique Cardoso de populismo em determinada situação, por exemplo. O que eu vejo nos novos governantes da América é a retomada de um projeto nacionalista e estatizante, embora não populista – arrisca Jorge Ferreira, professor de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense e organizador do livro *Populismo e sua História*.

Em nome do povo

O que caracteriza o populismo:

> O populismo é um fenômeno historicamente situado, e sua expansão na América Latina coincide com a industrialização do continente, nos anos 30, 40 e 50.

> Ícones considerados populistas desse período são Juan Domingo Perón, na Argentina, Getúlio Vargas, no Brasil, e Lázaro Cárdenas, no México.

> O populismo é definido, teoricamente, por um programa de governo eminentemente nacionalista, com estatização de amplas camadas da economia consideradas “estratégicas”.

> O personagem central de um programa populista é um líder carismático que

valoriza o diálogo direto com “as massas”, muitas vezes atropelando a mediação de partidos ou de um parlamento.

> O populismo não é ideologicamente filiado nem à esquerda nem à direita, uma vez que o líder de governo se apresenta como a encarnação de “valores mais elevados” que a política partidária.

> Os investimentos normalmente são direcionados a benefícios sociais que angariem o apoio popular. Uma prática que, pela direita, é definida como demagógica, e pela esquerda, é criticada por minar as lutas sociais, condicionando os trabalhadores a esperar a “bondade” do governante.

O populismo clássico apresenta alguns pontos de contato com algumas das políticas atualmente em vigor na América Latina: baseia-se em estatização, em políticas que se filiam às classes menos privilegiadas, por meio de concessões pontuais, e ampara-se no carisma de um governante. Mas a fórmula não pode ser aplicada indiscriminadamente. Lula, por exemplo, é um governante carismático, mas governa um país em que o parlamento tem peso e é pluripartidário. Chávez, por sua vez tem maioria absoluta em seu parlamento e se apresenta como herói re-

sistente à marcha da globalização.

– Atribuo essa personificação da política à fraqueza dos partidos, às dificuldades que na América Latina tivemos, ao longo da história, de manter por longo tempo regimes democráticos e partidos consolidando projetos de longo alcance que pudessem prescindir das pessoas – analisa a professora Cláudia Wasserman, da UFRGS.

As características dos governantes de esquerda da América Latina impedem, por enquanto, qualquer análise em bloco. Chávez é mais fácil de ser enquadrado no perfil populista. Já

Morales, a atual fonte de dor de cabeça brasileira, ainda não tem um perfil definido para a maioria dos analistas.

– Para existir, o populismo necessita de características que estão presentes na Venezuela, mas não na Bolívia. Evo Morales tem uma origem nos movimentos sociais, procurando alternativas econômicas à atual política mundial, uma política que até dá certo em um país com recursos como o Brasil, mas não em países miseráveis como a Bolívia. Ele é um líder popular, mas não é um líder populista – afirma Celi Pinto, professora de Ciência Política da UFRGS e diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da instituição.

A figura de Morales até o momento é polêmica, também pela habilidade do presidente boliviano em se apresentar ora como um seguidor de Chávez, ora como um, nas próprias palavras, “irmão menor” de Luiz Inácio Lula da Silva.

– Morales é produto de um novo quadro na política mundial, no qual o processo democrático de alguns países muito pobres permitiu que grupos sociais fora do jogo político ou periféricos passassem a ter peso no processo. Morales, com sua base eleitoral indígena, é um bom exemplo – diz o professor Flávio Heinz, coordenador do programa de pós-graduação em História da Unisinos.

♦ carlos.moreira@zerohora.com.br

Populistas ou populares?

Algumas das estratégias nacionalistas retomadas por políticos da América Latina



EVO MORALES

Líder classista de plantadores de coca, Evo Morales foi o primeiro presidente de origem indígena a assumir a presidência da Bolívia – em um país com maioria indígena, o impacto disso foi semelhante à eleição de Lula no Brasil. Ao assumir, nacionalizou os hidrocarbonetos como forma de renegociar os lucros e divisas obtidos pela única riqueza natural abundante de seu país – a Bolívia, é bom lembrar, não tem acesso ao mar.



NÉSTOR KIRCHNER

Síndico de uma Argentina falida pelo modelo econômico dos anos 80 e 90 (20% da população desempregada e 60% abaixo da linha da pobreza), Kirchner já assumiu criticando as fórmulas receitadas pelo FMI para gerir a crise. Reviu contratos de empresas privatizadas no governo Carlos Menem e assinou medidas que obrigavam a permanência de capitais especulativos no país por 180 dias.



ALAN GARCÍA (À ESQUERDA) E OLLANTA HUMALA

Os dois candidatos à presidência do Peru têm propostas ligadas ao nacionalismo – moderadas, como as de Alan García, ou radicais, como as de Humala. Militar, Humala tem um perfil truculento. Tem a mania de ser chamado de “comandante”. Sua plataforma política é em alguns pontos semelhante à de Evo – principalmente no tocante à nacionalização da economia. García tem contra si a lembrança recente de seu governo anterior, entre 1985 e 1990, marcado por hiperinflação. Ao contrário de Humala, assumidamente radical, García envia sinais dúbios. Embora prometa manter as políticas de livre mercado, acena com reduções de tarifas básicas, criação de um banco agrícola governamental e empréstimos a juros baixos para granjeiros. Promete criar novas leis trabalhistas e fortalecer as existentes.

SEGUE >

Data Publicação : 07/05/2006

Editoria : Especial

Ilustração : Foto

Assunto :

Reportagem especial (cartola), Crise, Relações Comerciais, Indústria Petrolífera, Petróleo, Estatização, Refinaria, Governo Federal, Governo Luiz Inácio Lula da Silva, Impasse, Brasil, Bolívia, Negociação, Governo Evo Morales, Petrobras, Expropriação, Repercussão, Tendência, Poder, Perfil